

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE TEATRO

Fernanda Sousa e Oliveira

Entre a vida e a arte: reflexões sobre as experiências de uma mulher que menstrua

UBERLÂNDIA, 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

Fernanda Sousa e Oliveira

Entre a vida e a arte: reflexões sobre as experiências de uma mulher que menstrua

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como quesito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em Teatro (IARTE/UFU).
Orientação: Prof. Dr. José Eduardo de Paula

UBERLÂNDIA, 2022

FERNANDA SOUSA E OLIVEIRA

Experiências artísticas e de vida de uma mulher que menstrua

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para
obtenção do título de licenciatura em Teatro.

Prof. Dr. José Eduardo de Paula (Orientador)

Prof. Dr. Mariene Hundertmarck Perobelli

Prof.^a Dr.^a Mara Lúcia Leal

Artista/Mestra Letícia Pinheiro

UBERLÂNDIA

2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso a todos os meus amigos que me apoiaram nessa jornada. Agradeço também a meu orientador por ter me escutado e me ajudado a surtar um pouco menos. E em especial a meu psicólogo que me convenceu a diminuir às minhas expectativas e entender que é : *melhor* feito do que perfeito.

Resumo

Esse é um trabalho de conclusão de curso para o curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Trata-se de uma autoetnografia com reflexões sobre as experiências de vida da autora, uma mulher que menstrua, entremeadas às suas experiências artísticas. Com referências de feministas como Simone de Beauvoir e Silvia Federici.

Palavras-chave: teatro, feminismo, autoetnografia

Abstract

This a final paper to drama graduation of the Federal University of Uberlândia (UFU). It's a autoethnography text with reflexions about the life experiences from the author, a woman who menstruates, united to her artistic experiences. With references from feminists like Simone de Beauvoir and Silvia Federici.

Key words: drama, feminism, autoethnographic

Nesse trabalho conto a minha história como Fernanda, mulher que menstrua e Fernanda como artista e como isso tudo se une.

Sim, a minha história. A “*minhaaaaa*” história.

E por que tanta ênfase nesse pronome possessivo em primeira pessoa do singular?

Pois é, caro leitor ou leitora, por muito tempo tive problemas para falar de mim. Como se a minha experiência não valesse a pena de ser compartilhada.

Acredito que muito desse sentimento faça com que eu saia do singular e vá para o plural. O plural “Nós mulheres”. A filósofa Simone de Beauvoir (1949, p.14) dizia que somos “O outro do real indivíduo, que é o homem.”, como se a “régua” para determinar quem é realmente humano dissesse que esse é homem; por exemplo, é usado “o homem” para falar da espécie humana de qualquer gênero. Foram séculos numerosos, uma quantidade inestimável de “autoestimas”, subjetividades destruídas, de corpos subjugados e queimados que construíram o que hoje **me chamam**:

Mulher.

A frase também da filósofa Beauvoir (1949, p.9) “Não se nasce mulher, torna-se” vem sendo utilizada erroneamente e fora de contexto na internet nos últimos tempos. Como se ser mulher – pelo menos o que é ser mulher ao entendimento da autora – fosse uma escolha. E ela diz a frase no sentido de que mulher é uma construção social realizada desde a descoberta que a nova criança possui uma vagina.

Ninguém escolheria “ser o produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino; [ninguém escolheria] ser criada à passividade e ao coquetismo ou a ser o outro do indivíduo real”. (BEAUVOIR, 1949, p.14) Digo isso e lhes mostro, a partir da minha história, do meu recorte, racial, social que a socialização não é sobre escolhas.

Não sei quando me dei conta de que eu era uma menina e tratada dessa forma. Mas lembro de em minha infância perguntar para meu pai se meninos choravam, pois eu havia ouvido em algum lugar que chorar era coisa de menina. Com paciência, explicou-me que tal afirmação se tratava de uma inverdade. Meninos choravam também! #CHOQUE

Reconheço que meus pais me criaram para ser uma menina passiva dentro dos padrões que nossa sociedade determina como uma menina branca deve ser, e também percebo o papel da auto-socialização de gênero na minha infância.

As teorias de auto-socialização propõem que as crianças são “detetives de gênero,” agentes intrinsecamente motivados procurando informações sobre o gênero. Mais ainda, a compreensão e a consciência das crianças sobre o gênero afetam como elas organizam e interpretam as informações que coletam. O esquema, ou as estruturas de conhecimento do gênero oferecem. (LING HALIM, 2013, p.1)

Eu fui uma criança dentro dos padrões de beleza da sociedade. Cabelos dourados, magra, rosto com traços finos. E percebo que por isso era exageradamente exigido de mim, por família ou crianças da minha escola, que eu continuasse nesse padrão, que eu não me desviasse dele de maneira alguma.

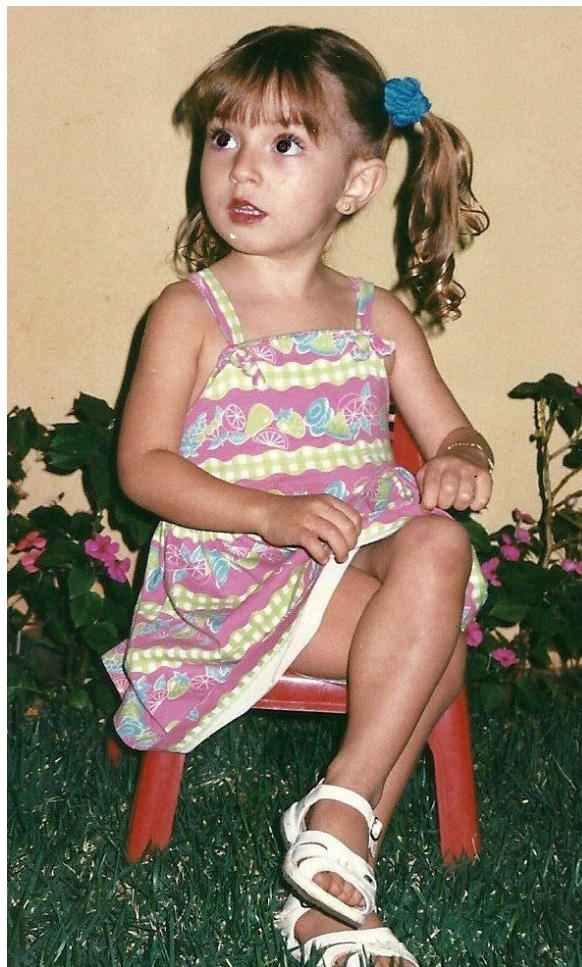


Foto minha com 3 anos de idade; arquivo de família

Eu estudava em uma escola particular no Ensino Fundamental I, e era exigido que, mediante o pagamento de um determinado valor, as crianças comprassem e usassem todas as partes do uniforme. Todas as meninas usavam o famigerado short/saia. E eu não. Por algum motivo minha mãe tinha comprado somente uma ou duas calças do uniforme e não via necessidade em gastar dinheiro com o short/saia. Eu tinha apenas 8 anos! E fui então

questionada pelas próprias crianças do porquê eu não usava short e saia *já que eu era uma menina*. Depois de um tempo de pressão viram que eu continuava sem aparecer na escola com o bendito short e saia e então começaram a dizer que eu não devia ter tal peça “da moda” porque eu era pobre! Era a única explicação plausível para aqueles infantes que esse ser de cabelos grandes e que faz xixi sentado, usasse somente calça. Me lembro da coleguinha Daniela um dia chegar até mim, me dizendo que conversou com a mãe dela e que ela me daria os shorts saia velhos dela. Eu nunca havia pedido tal roupa, ou tido interesse nela.

Fui negada à possibilidade da vontade própria de vestir uma roupa que eu queria por causa do meu gênero.

Todos esses padrões que descrevo são os que a sociedade induz às meninas, mas percebo que é efetivado de uma forma diferente em meninas brancas e magras. Por já estarem dentro de um padrão socialmente considerado como o ideal, lhes é “mais fácil” de continuar nele.

Observei isso quando fui estagiária em duas escolas em Uberlândia. Primeiro acompanhei a professora Liliana em algumas turmas do Ensino Fundamental II em uma escola da periferia.

Me lembro de observar as alunas que pertenciam mais ao padrão de beleza e as que não pertenciam. As que gozavam do status de meninas bonitas quase sempre eram mais comedidas.

E no outro semestre que acompanhei o professor Gabriel em uma escola que se localizava em uma zona mais privilegiada, percebi o mesmo com as crianças. As meninas branquinhas, magrinhas e com lacinho na cabeça tendiam a brincar muito mais de boneca e serem mais retraídas em relação às que não estavam dentro dessas características, que corriam mais, falavam mais alto.

Eu não vim de uma família de artistas. Ninguém nunca me incentivou a “fazer arte”, como fizera a família do vocalista da banda Nirvana, Kurt Cobain, que era composta de músicos. Apesar disso, me lembro muito bem que quando eu tinha por volta de 4 anos estava assistindo alguma novela na televisão com minha mãe e a perguntei o que aquelas pessoas estavam fazendo. Então, ela respondeu “são atores e atrizes”. A partir disso, eu disse prontamente com toda a certeza que uma criança de 4 anos pode ter:

“Então é isso que eu quero ser. Quero ser atriz!”

Depois disso, por *muuuuito* tempo, eu fiquei fissurada nessa ideia. Todas as vezes que me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, eu dizia que ia ser atriz; Pedia pra minha mãe várias vezes pra me colocar na aula de teatro. Quando via a Bruna Marquezine e Isabelle Drummond sendo atrizes ainda crianças meus, olhos brilhavam. Mas meus pais não me apoiavam, então não fiz nada relacionado a arte na infância. Mas eu amava muito dançar, já amava a arte em suas várias formas. Quando bem pequena meus pais iam a um evento chamado “jantar dançante”, e eu sempre ficava em frente ao palco dançando e o pessoal da banda interagindo comigo. Eu adorava! Além disso, comecei a fazer balé na escola uma época e sofri muito bullying feito pelas outras meninas que diziam que eu era desajeitada.

Saindo do Ensino Fundamental I e indo para o II, eu e meus colegas de classe fomos adentrando em direção a esse período tão obscuro e cheio de hormônios que fora a **puberdade**. A partir daí, mais e mais coisas que **nunca, nunca** vieram de mim, foram-me exigidas ainda mais intensamente.

Aos 10 anos já me diziam que eu não tinha bunda nem peito, que eu devia usar sutiã, devia sentar-me como *moça*, usar maquiagem. Zombavam do fato de que eu nunca havia beijado na boca de nenhum menino e nem demonstrava vontade de fazê-lo.

Eu tinha 11 anos, **apenas 11 anos**. Só hoje mais velha¹, tenho consciência do quão jovem é uma menina dessa idade e fico horrorizada com essa sexualização tão precoce que nos é imposta. Aos 11 anos eu já queria ter corpo de uma mulher adulta pois só assim seria aceita entre outras **CRIANÇAS**.

Um corpo crescente de bolsas de estudo internacionais documentam que proporções significativas de crianças e jovens estão expostas à pornografia. Enquanto diferentes estudos definem e avaliam a 'pornografia' e a exposição de formas variadas, um grande número de jovens, particularmente rapazes, estão crescendo na mídia sexualmente explícita, de acordo com estudos na Austrália.

(Inundação, 2007), Camboja (Fordham, 2006), Canadá (Cheque, 1995), Dinamarca e Noruega (Sørensen e Kjörholt, 2006), Islândia (Kolbeins, 2006), Itália (Bonino et al., 2006), Suécia (Forsberg, 2001; Johansson e Hammarén, 2007; Wallmyr e Welin, 2006) e Taiwan (Lin e Lin, 1996; Lo et al., 1999; Lo e Wei, 2005).

¹Hoje, quando escrevo este texto, tenho 25 anos.

Eu já existia em relação ao homem e para satisfazê-lo. Uma criança, sim, CRIANÇA, dessa idade só é considerada bonita se tiver atributos que satisfaçam os desejos eróticos de garotos da mesma idade que foram expostos à pornografia *cedo demais*.

A pornografia é indiscutivelmente mais sexista e hostil às mulheres do que outras imagens sexuais na mídia. A agressão e a violência contra as mulheres encontradas em grande parte da pornografia popular de hoje podem ensinar aos meninos e homens jovens que é socialmente aceitável, e até mesmo desejável, comportar-se de forma agressiva e humilhante para com as mulheres. (Tradução de minha responsabilidade – Allison Baxter, How Pornography Harms Children: The Advocate's Role; maio de 2014)

Baxter deixa claro que o acesso a conteúdo de pornografia possui uma grande capacidade de influenciar jovens a acreditar e normalizar a violência e sexualização de mulheres e meninas da idade deles.

Proporções significativas de crianças e jovens têm sido expostos à pornografia on-line, especialmente acidentalmente e também deliberadamente, (...) (Duijmel e de Haan, 2006; Flood, 2007; Sabina et al., 2008; Soeters e Van Schaik, 2006).
(Tradução de minha responsabilidade – Allison Baxter, How Pornography Harms Children: The Advocate's Role; maio de 2014)

Baxter comenta que é cada vez mais comum crianças terem acesso à pornografia. Ou seja, a forma que elas veem sexo e a relação entre homens e mulheres começa a ser moldada a partir do que o pornô mostra desde muito cedo.

A partir da puberdade os pensamentos e conversas de meninos e meninas só gira em torno do universo da paquera, do primeiro beijo, das intermináveis listas de quantas meninas ou meninos já beijaram. Nessa fase a amplitude do corpo de ambos os gêneros vai sendo cada vez mais reduzida, contida. Mas principalmente o da menina, pois dentro da lógica da sociedade atual ela está se preparando para arrumar um homem.

Então as risadas ficam mais baixas, o cabelo mais longo e mais comportado. Os movimentos mais “graciosos” e reduzidos em magnitude e movimento.

A partir dos meus 11 anos o vazio e a dor da depressão começaram a chegar cada vez mais perto de mim. Foram se *aconchegando*, se *aproximando*... ocuparam uma parte do quarto, uma parte do coração. E rapidamente tinham tomado boa parte da minha existência.

Aos 12, eu tinha dores de cabeça tão fortes que não conseguia mais ir à escola. Fui levada à pediatra e ela disse que provavelmente era estresse e meus pais deviam me colocar em alguma atividade que fosse prazerosa pra mim.

E então, FINALMENTE....

(fogos de artifício estouram)

Com 13 anos eu comecei as aulas de teatro.

Eu era muito tímida, tinha a autoestima extremamente baixa. Tinha dificuldade de me soltar nas aulas. Meu corpo era muito retraído. Mas é fato que naquela sala com piso de taco num casarão do Sesi em Uberaba eu encontrei *meu refúgio*. Eram algumas horas da semana que eu podia deixar de pensar nos abusos que eu sofria, na negligência, na solidão, na dor intensa e apatia que percorriam meu ser. Eu podia me permitir brincar, correr, cantar e dançar, por algumas horas naquele lugar *sagrado* pra mim.

Além do casarão, eu encontrava a paz e a mim mesma nos momentos que eu podia ficar em meu quarto. Só eu e um livro. Eu e um filme. Eu e uma série televisiva empolgante. E sabia que aqueles momentos que eu estava só, *me salvavam*. Porque fora deles o mundo era pesado demais, era solitário demais. Fora deles, o mundo me dizia que eu era burra, feia, ingrata, inútil e mais uma vez **inadequada**.

O desejo de infância de ser atriz ainda gritava forte dentro de mim. Apesar de toda a timidez e vergonha de mim mesma, fazer alguns meses de teatro durante minha adolescência me proporcionaram momentos que eu conseguia me soltar ao menos um pouquinho, me julgar menos. E o mais importante que esse desejo de criança fez por mim foi que eu pude sonhar.

O sonho me manteve viva (literalmente), com a esperança de dias melhores. Eu sentia em meu *âmago* que eles viriam. E era esse sentimento que permitia que eu não desse cabo às minhas ideias diárias e incessantes de suicídio.

Quando eu entrei pro curso de teatro na Universidade Federal de Uberlândia, eu tinha apenas 19 anos e já estava profunda e irrevogavelmente *esgotada*, e em imensa depressão que já durava há mais de 6 anos. Foi a primeira vez que fui morar sem meus pais e mais de 100 km longe deles. Lembro de me sentir *novamente* um peixe fora d'água na primeira semana em Uberlândia. Todos pareciam tão à vontade consigo mesmos e com os outros. Uma liberdade sexual intensa. Foi a primeira vez que eu decidi dizer em voz alta para as pessoas que eu me atraía por mulheres. Na época ainda me definia como bissexual. Eu nunca tinha beijado uma menina. Nunca tinha chegado nem perto de transar com alguém. E me sentia tão, tão vulnerável

e inadequada por causa disso. Me parecia que todos eram os mestres do sexo, do amor e tudo que isso envolve.

Me lembro que no primeiro fim de semana desde que me mudei de Uberaba, eu já retornei à casa do meu pai. E aí peguei uma carona com mais dois amigos até a cidade e meu pai nos buscou, e deu outra carona a eles até a rodoviária. Lembro que quando entrei na cidade já comecei a segurar o choro. No segundo que meus colegas desceram do carro, eu *desabei!* Comecei a chorar copiosamente, um choro inesgotável que eu estava segurando a semana toda. Os primeiros meses da faculdade foram muito difíceis. Eu tive uma experiência do meu inferno particular. A solidão se apossava do meu *ser*. Em muitos momentos me sentia no ensino médio. O pessoal da minha turma não era tão legal comigo. Sentia que eu tinha que me forçar a ser algo que eu não era pra poder *caber* entre eles. Todos assistiam às mesmas coisas, sabiam de cor os mesmos “memes”. E eu? Eu não tinha nem noção de quem eu era, do que eu gostava, de como me relacionar com outras pessoas.

Todos diziam – com o olhar ou com palavras - que aquele lugar não era pra mim. Mas meu corpo sabia que era o que ele **necessitava**. Cada pedacinho do meu ser gritava por teatro. Por colocar meu corpo em movimento, pra se soltar, pra gritar tudo que eu tinha contido durante tantos anos.

E depois de alguns meses de curso e da iminência de uma greve, a diretora e atriz Ádila (nome fictício) fez uma chamada para montar o espetáculo *Benedites*, que seria montado e apresentado em *apenas uma semana*.

Com certeza foi uma das semanas mais intensas da minha vida. Ensaios de muitas horas mais de uma vez por dia. A diretora contou a mim e a mais umas 20 pessoas que aceitamos participar do processo, qual era sua ideia. Ela, juntamente com Nathalia, Ariel (nomes fictícios), e mais algumas pessoas tinham viajado pra Ouro Preto pra semana da diversidade de gênero. Eles contam que subiam e desciam as ruas feitas de pedra de sabão cantando a música *Benedito* da Elza Soares.

A partir daí montamos a peça com base na música “*Benedito*” da Elza Soares, no primeiro momento, e mais pra frente utilizamos algumas outras músicas do álbum *Mulher do fim do mundo* (2015) da artista.

Benedita
Elza Soares

Benedito não foi encontrado
 Deu perdido pra tudo que é lado
 Esse nego que quebra o quebranto
 Filho certo de tudo que é santo

Benedito e uma fera ferida
 'Tá na carne uma bala perdida
 Uma bala de prata guardada
 Pro meganha incauto, arremata
 Arremata, arremata, arremata

Benedito não foi encontrado
 Deu perdido pra tudo que é lado
 Esse nego que quebra o quebranto
 Filho certo de tudo que é santo

Benedito e uma fera ferida
 'Tá na carne uma bala perdida
 Uma bala de prata guardada
 Pro meganha incauto, arremata
 Arremata, arremata, arremata

Ele que surge naquela esquina
 É bem mais que uma menina
 Benedita é sua alcunha
 E da muda não tem testemunha

Ela leva o cartucho na teta
 Ela abre a navalha na boca
 Ela tem uma dupla caceta
 A traveca é tera chefona

Ela leva o cartucho na teta
 Ela abre a navalha na boca
 Ela tem uma dupla caceta
 A traveca é tera chefona

Benedita da zona é o crack
 (É o crack, é o crack, é o crack)
 A policia milícia o choque
 Na surdina preparam o ataque
 (É o crack, é o crack, é o crack)
 Ela jura que era um achaque
 Na bocada os cliente só rock
 Ela morre ela, ela mata, ela é craque
 (Ela é craque, ela é craque, ela é craque)
 Ela é craque, craque, craque)

(Ela é craque, ela é craque, ela é craque)
 Ela é craque, craque, craque)

Homicida, suicida, apareceu, aparecida
 É maldita, é senhora, é bendita, apavora
 Vem armada, não rendida, faz do beco sacristia
 Crack agora, não demora, joga a pedra, nessa hora

Benedito não foi encontrado
 Deu perdido pra tudo que é lado
 Esse nego que quebra o quebranto
 Filho certo de tudo que é santo

Benedito e uma fera ferida
 'Tá na carne uma bala perdida
 Uma bala de prata guardada
 Pro meganha incauto, arremata
 Arremata, arremata, arremata

Benedito não foi encontrado
 Deu perdido pra tudo que é lado
 Esse nego que quebra o quebranto
 Filho certo de tudo que é santo

Benedito e uma fera ferida
 'Tá na carne uma bala perdida
 E uma bala de prata guardada
 Pro meganha incauto, arremata
 Arremata, arremata, arremata

(SOARES, 2015)

Cada parágrafo ganhou uma cena. Algumas cenas totalmente coletivas, e algumas que alguns atores tinham destaque. A Ádila teve a ideia de uma cena que uma pessoa cairia de dentro do armário que tínhamos disponível pelo curso de teatro da UFU. E eu era a única que cabia no tal armário- além disso, a pessoa que fosse fazer a cena deveria estar nua (CHOQUE). Eu, Ruan e mais duas pessoas, então, seríamos os únicos a ficar nus na frente de dezenas de pessoas. Eu nunca tinha ficado nua na frente de ninguém além da minha mãe. Mas o engraçado é que eu senti muito pouco medo ou receio - Minha alma, o meu corpo, ansiavam para se libertar. Assim, nada melhor do que já começar no palco me desnudando por inteira em todos os sentidos possíveis.

A cena em que eu caía repetidas vezes do armário remetia a minha personagem, a meu corpo, - uma fera ferida que estava presa. E que quando os músicos cantavam “arremata, arremata, arremata”, a fera dava um grito bem alto que saía das minhas entranhas e conseguia se libertar para ir em direção a cura de Omolu.

Fazer essa cena, em especial, ativou meu instinto selvagem, outrora esquecido e esmagado.

Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras mulher e selvagem intuitivamente. Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-

se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter nos esquecido do seu nome, podemos não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta. Sabemos que ela nos pertence; bem como nós a ela. (...) Portanto, o termo selvagem neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. Essas palavras, mulher e selvagem, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam. (PINKOLA ESTÉS, 1992 PÁG 8.)

Com Benedites, que durou cerca de 1 ano e 3 meses, eu pude sentir e me *embebedar* do poder do corpo, o poder da entrega ao agora, da intensidade, ou seja, o poder do teatro - que já ouvi dizer ser o remédio enviado pelos deuses.

Através de Benedites, conheci a liberdade, o gozo de meu corpo. O sentimento de que não importa o que o público, o que a sociedade acha, este é meu corpo, eu existo, resisto e, acima de tudo, aprendi a ser feliz com esse corpo sem precisar de nenhuma intervenção que o capital me oferece. Tudo isso entrou em embate com o que aprendi ser mulher, contrapondo todas as horas que planejei mil cirurgias estéticas e procedimentos para me adequar ao padrão de beleza. Eu achava que só conseguiria ser feliz, me sentir bonita se eu tivesse essa aparência de capa de revista.

Em 2017, já no segundo período do curso de teatro, na disciplina de Técnica Vocal I, minha turma apresentou na semana de encerramento a leitura dramática de Gota D'água, de Chico Buarque e Paulo Pontes. O contato com essa peça foi um marco pra mim. Reconheci na personagem Joana uma mulher forte e que tinha muita raiva. Através dela eu consegui externar toda a raiva que eu tinha pelo mundo e por mim mesma, que eu não conseguia externar fora de uma sala de ensaio. Na época, me lembro que eu estava com um problema muito sério com uma menina que morava comigo. Mais uma vez, reconheci que eu estava em uma amizade extremamente abusiva. E eu não conseguia dizer nada. Nada. Nadinha. Sentia tanto ódio, tanta raiva, mas não saía nem meia palavra da minha boca quando eu chegava perto dela. Eu tinha crises de ansiedade ao tentar dizer algo, sentia minha pressão abaixar. E Joana foi um alívio pra mim. Uma descarga de todo esse sentimento. Porque Joana falava o que pensava e como pensava, e eu precisava tanto disso.

JOANA —
Quando o meu bem-querer me vir
Estou certa que há de vir atrás

Há de me seguir por todos
 Todos, todos, todos os umbrais
 E quando o seu bem-querer mentir
 Que não vai haver adeus jamais
 Há que responder com juras
 Juras, juras, juras imorais
 E quando o meu bem-querer sentir
 Que o amor é coisa tão fugaz
 Há de me abraçar co'a garra
 A garra, a garra, a garra dos mortais
 E quando o seu bem-querer pedir
 Pra você ficar um pouco mais
 Há que me afagar co'a calma
 A calma, a calma, a calma dos casais

(...)

JOANA — Me deixa em paz Jasão, você tá com trinta anos, pau duro, samba nas paradas de sucesso, o futuro montado no dinheiro de Creonte, enfim, Jasão, o que é que você inda quer de mim?

JASÃO — Joana, não é nada disso...

JOANA — Onde já se viu... Me fode co'a vida e inda vem tripudiar? JASÃO — Joana...

JOANA — Vai dar conselho à puta que o pariu

(...)

JOANA — Jasão, você é bem folgado. Chega aqui... Joana, minha querida, sou eu, o ladrão da tua tranquilidade, sou eu, fugi levando todo o sangue que o teu coração transferiu pro meu nome...

JOANA — Não, deixa eu terminar... E agora que eu tou cheio de vida, tou com samba em primeiro lugar, Jasão de Oliveira, conhecido no meio artístico e social, enquanto eu tou eufórico, você, infelizmente, tá co'a alma entrevada, bunda tombada pelo patrimônio histórico, museu, ruína, arquivo, carne congelada

Mas fica aí calma, boba, feliz e solta os cabelos que alguém pode inda te querer, que talvez um coitado te aceite de volta

Aqui, ó, Jasão, me esquece...

JOANA — Pois bem, você vai escutar as contas que eu vou lhe fazer: te conheci moleque, frouxo, perna bamba, barba rala, calça larga, bolso sem fundo Não sabia nada de mulher nem de samba e tinha um puto dum medo de olhar pro mundo As marcas do homem, uma a uma, Jasão, tu tirou todas de mim. O primeiro prato, o primeiro aplauso, a primeira inspiração, a primeira gravata, o primeiro sapato de duas cores, lembra? O primeiro cigarro, a primeira bebedeira, o primeiro filho, o primeiro violão, o primeiro sarro, o primeiro refrão e o primeiro estribilho Te dei cada sinal do teu temperamento Te dei matéria-prima para o teu tutano E mesmo essa ambição que, neste momento, se volta contra mim, eu te dei, por engano Fui eu, Jasão, você não se encontrou na rua Você andava tonto quando eu te encontrei Fabriquei energia que não era tua pra iluminar uma estrada que eu te apontei E foi assim, enfim, que eu vi nascer do nada uma alma ansiosa, faminta, buliçosa, uma alma de homem. Enquanto eu, enciumada dessa explosão, ao mesmo tempo, eu, vaidosa, orgulhosa de ti, Jasão, era feliz, eu era feliz, Jasão, feliz e iludida, porque o que eu não imaginava, quando fiz dos meus dez anos a mais uma sobrevida pra completar a vida que você não tinha, é que estava desperdiçando o meu alento, estava vestindo um boneco de farinha Assim que bateu o primeiro pé-de-vento, assim que despontou um segundo horizonte, lá se foi

meu homem-orgulho, minha obra completa, lá se foi pro acervo de Creonte...
 Certo, o que eu não tenho, Creonte tem de sobra
 Prestígio, posição...

Teu samba vai tocar em tudo quanto é programa. Tenho certeza que a gota d'água não vai parar de pingar de boca em boca... Em troca pela gentileza vais engolir a filha, aquela mosca morta, como engoliu meus dez anos. Esse é o teu preço, dez anos. Até que apareça uma outra porta que te leve direto pro inferno. Conheço a vida, rapaz. Só de ambição, sem amor, tua alma vai ficar torta, desganhada, aleijada, pestilenta... Aproveitador! Aproveitador!...
 (BUARQUE; PONTES, 1975, p.35)

Ao reler essas partes do texto pra poder inserir no trabalho, me apaixono de novo pelos personagens, pela dramaturgia, por cada palavra, assim como foi naquela época. Me lembro que eu e o Miguel – que também participava da leitura dramática comigo – passávamos o dia todo lendo e relendo as partes da peça que mais gostávamos e fomos decorando. E conforme decorávamos, nós usávamos alguns trechos do texto como parte da nossa vida, dos nossos diálogos.

Muito tempo depois, eu ainda guardava o xerox da peça de um jeito que eu sempre pudesse ler. E sempre que eu me sentia fraca, impotente, eu relia alguns parágrafos de falas da Joana e a interpretava.

Quando a disciplina de Técnica Vocal foi finalizada, fui conversar com a professora que ministrou a disciplina e ela me contou que sua primeira ideia de peça pra leitura dramática da disciplina foi “O santo Inquerito”, de Dias Gomes. No mesmo dia fui pra biblioteca da UFU e li a peça inteirinha.

A peça “O Santo Inquerito” foi escrita no ano de 1966, durante o período da ditadura militar no Brasil. Para escapar da Censura, e ao mesmo tempo permanecer fiel aos seus propósitos, Dias Gomes recorre à produção desta obra, que narra a história de uma jovem vítima da Inquisição no século XVIII, e que merece destaque dentre os heróis puros e libertários criados pelo autor.
 (FABIÃO, 2011, pag.14)

O autor utiliza da história da jovem Branca Dias, acusada de praticar bruxaria simplesmente por encontrar deus na natureza, em seus prazeres e não na Igreja.

PADRE

Então?

BRANCA

Não me sinto bem.

PADRE

Não se sente bem na Companhia de Jesus?

BRANCA

Falta sol. Claridade. Deus é luz. Não é?
(DIAS GOMES, 1967, pag. 30)

Nesse diálogo, o padre que anteriormente havia sido salvo de um afogamento por Branca, a leva ao colégio da Companhia de Jesus. Branca não consegue sentir deus com todas as edificações feitas por humanos, com tantas paredes, com tão pouca natureza. “Em ‘O Santo Inquerito’, Branca Dias é uma dessas pessoas que representam o diferente; é uma desviada das normas, subversiva, e deve, segundo as normas da época, pagar caro por isso.” (FABIÃO, pag. 15)

A história de Dias Gomes se passa em um dos primeiros séculos da colonização do Brasil, durante a contrarreforma da Igreja Católica, que foi criada como reação ao protestantismo. Foi criada a Companhia de Jesus, Ordem religiosa dos jesuítas. A que o Padre da obra santo Inquerito participa e leva Branca para conhecer e que mais tarde vem a ser condenada por ela. A principal função da ordem era buscar o fortalecimento da Igreja através de ações disciplinares e moralizantes. E o Tribunal do Santo Ofício, mais conhecido por Inquisição foi reativado.

VISITADOR

A Igreja, Branca, a sua Igreja, está diante de um perigo crescente e ameaçador. Toda a sociedade humana, a ordem civil e religiosa, construída com imensos esforços, toda a civilização e cultura do Ocidente, estão ameaçados de dissolução.

BRANCA

E sou eu, senhor, sou eu a causa de tanta desgraça?!

VISITADOR

Não é você, isoladamente; são milhares que, como você, consciente ou inconscientemente, propagam doutrinas revolucionárias e práticas subversivas. Está aí o protestantismo, minando os alicerces da religião de Cristo. Está aí os cristãos-novos, judeus falsamente convertidos, mas secretamente seguindo os cultos e a lei de Moisés.

(DIAS GOMES, 1967, pag. 42)

Nesse diálogo Branca já havia sido isolada em uma cela pelo Tribunal do Santo Ofício e está sendo interrogada pelos inquisidores. No fim, ela é condenada a morrer na fogueira.

A partir da leitura dessa obra, fiquei com muita vontade de estudar mais sobre a caça às bruxas e montar algo artístico sobre essa temática.

Durante a vida o contato que eu tive com a figura da bruxa foi através da televisão, filmes, histórias, mídia em geral. Me lembro da bruxa Keka, personagem feita pela Xuxa no

programa infantil “Xuxa no mundo da imaginação” no ano de 2002. A personagem era retratada como usualmente as bruxas o são: velha, feia, com nariz grande e com uma verruga.



Imagem da personagem Bruca Keka retirada da internet

Me lembro também do filme que passava frequentemente na sessão da tarde “Uma cavaleira em Camelot”, em que Whoopi Goldberg é condenada a morrer na fogueira. Em “Abracabra”, do diretor Kenny Ortega, as três personagens bruxas repetem o padrão: são feias, com verruga no nariz e são queimadas em praça pública - isso sendo exibido para crianças como algo divertido e normalizado, como se elas tivessem merecido. Essas são algumas dentre outras produções que vilanizam a figura da bruxa.

Isso me despertou o interesse em saber mais sobre a história da caça às bruxas, que eu acreditava ter sido algo de menor importância e menor número pois não era algo que era muito falado ou estudado na escola. Usa-se o termo caça às bruxas pra designar uma série de mortes de mulheres que a Inquisição provocou entre os séculos XV E XVI.

Ao começar a disciplina de Pesquisa I, surge o interesse em montar algo relacionado a caça às bruxas, o que me leva a descobrir o livro O Calibã e a bruxa, de Silvia Federici. Ela começa o livro referenciando a figura da bruxa enquanto encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher

que ousa viver só, a mulher *obeah* que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião.” (FEDERICI, 2004, pg. 22)

A partir de estudos que tinha feito até então sobre o feminismo, começado nos meus 16 anos, quando me interessei pelo tema, eu achava que o modelo do patriarcado que vigora hoje em dia fora sempre da mesma forma.

Mas Silvia nos conta que na época do feudalismo

(...) existiam muitas diferenças sociais entre os camponeses livres e os camponeses com um estatuto servil, entre camponeses ricos e pobres, entre aqueles que tinham assegurada posse da terra e os trabalhadores sem-terra que trabalhavam por um salário na demesne do senhor, assim como também entre mulheres e homens.

Geralmente, a terra era entregue aos homens e transmitida pela linhagem masculina, embora tenha havido muitos casos de mulheres que a herdavam e administravam em seu nome. As mulheres também foram excluídas dos cargos para os quais se designavam camponeses mais abastados e, para todos os efeitos, tinham um status de segunda classe (Bennett, 1988, pp. 18-29; Shahar, 1983).

Talvez seja este o motivo pelo qual seus nomes raramente são mencionados nas crônicas dos feudos, com exceção dos arquivos das cortes nos quais se registravam infrações dos servos. No entanto, as servas eram menos dependentes de seus parentes de sexo masculino, se diferenciavam menos deles física, social e psicologicamente e estavam menos subordinadas a suas necessidades do que logo estariam as mulheres “livres” na sociedade capitalista (FEDERICI, 2004 p. 27).

Com esse trecho, Federici nos faz refletir em como apesar de essas mulheres do feudalismo serem servas, elas tinham uma dinâmica, em relação aos homens e sociedade da época, menos desigual se comparado as dinâmicas de gênero na sociedade atual. Ou seja, com a transição para a propriedade privada mulheres estavam sendo ainda mais prejudicadas do que os homens nesse processo pois

as mulheres foram as que mais sofreram quando a terra foi perdida e o vilarejo comunitário se desintegrou. Isso se deve, em parte, ao fato de que, para elas, era muito mais difícil tornar-se “vagabundas” ou trabalhadoras migrantes, pois uma vida nômade as expunha à violência masculina, especialmente num momento em que a misoginia estava crescendo. As mulheres também tinham mobilidade reduzida devido à gravidez e ao cuidado dos filhos, um fato ignorado pelos pesquisadores que consideram que a fuga da servidão (por meio da migração e de outras formas de nomadismo) seja uma forma paradigmática de luta. As mulheres tampouco podiam se tornar soldados pagos, apesar de algumas terem se unido aos exércitos como cozinheiras, lavadeiras, prostitutas e esposas; porém, essa opção também desapareceu no

século XVII à medida que, progressivamente, os exércitos foram sendo regulamentados e as multidões de mulheres que costumavam segui-los foram expulsas dos campos de batalha (Kriedte, 1983, p. 55).

(FEDERICI, 2004. PG. 37)

Havia, então, uma necessidade de uma dominação maior do corpo e mente da mulher por parte da sociedade que vinha se formando, com a ideia liberal de percepção do corpo e da vida comum, já que eram um grupo, eram corpos que resistiam ativamente ao capitalismo.

Federici vai além, e ainda fala sobre o fato de a caça às bruxas não ser muito pesquisada ou indagada.

Ao contrário das feministas, os historiadores marxistas, salvo raras exceções — inclusive quando se dedicaram ao estudo da “transição ao capitalismo” —, relegaram a caça às bruxas ao esquecimento, como se carecesse de relevância para a história da luta de classes. As dimensões do massacre deveriam, entretanto, ter levantado algumas suspeitas: em menos de dois séculos, centenas de milhares de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas. Deveria parecer significativo o fato de a caça às bruxas ter sido contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação das Leis Sangrentas contra vagabundos e mendigos, e de ter chegado a seu ponto culminante no interregno entre o fim do feudalismo e a “guinada” capitalista, quando os camponeses na Europa alcançaram o ponto máximo do seu poder, ao mesmo tempo que sofreram a maior derrota da sua história. Até agora, no entanto, este aspecto da acumulação primitiva tem permanecido como um verdadeiro mistério. (FEDERICI, 2004, p.148)

Ela indaga o fato de que ninguém buscou pesquisar sobre esse genocídio, começaram a estudar sobre a caça às bruxas somente com a onda do feminismo pois

Mas foi somente com o advento do movimento feminista que o fenômeno da caça às bruxas emergiu da clandestinidade a que foi confinado, graças à identificação das feministas com as bruxas, que logo foram adotadas como símbolo da revolta feminina (Bovenschen, 1978, p.83 e segs.). As feministas reconheceram rapidamente que centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder.

Uma expressão desta identificação foi a criação da *witch* (bruxa), uma rede de grupos feministas autônomos que teve um papel importante na fase inicial do

movimento de liberação das mulheres nos Estados Unidos. Como relata Robin Morgan, em *Sisterhood is Powerful* (1970) [Irmandade é poderosa], a witch nasceu durante o Halloween de 1968 em Nova York, mas “conciliábulo” rapidamente se formaram em outras cidades. O que a figura da bruxa significou para estas ativistas pode ser entendido por meio de um panfleto escrito pelo “conciliábulo” de Nova York que, depois de recordar que as bruxas foram as primeiras praticantes do controle de natalidade e do aborto, afirma:

“As bruxas sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revolucionárias [...] witch vive e ri em cada mulher. Ela é a parte livre de cada uma de nós

[...] Você é uma Bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal.” (Morgan, 1970, pp. 605-6)

(FEDERICI, 2004. Pg 147)

Foi nesse sentido que eu, Fernanda, tive vontade de fazer uma peça em teatro-digital sobre. Para usar a figura da bruxa não como uma a mulher feia e mal-amada, a quem ela é usualmente estereotipada, mas sim como a mulher que morreu lutando por seus ideais ou simplesmente por agir de um modo que o Estado e Igreja não queriam. A mulher que tinha conhecimento sobre o próprio corpo, sobre a natalidade. E assim inscrevi um projeto pro PINA – Projeto de Iniciação artística da UFU.

Este projeto se destina as áreas do audiovisual e teatro e é composto por 4 partes, e terá como obra de arte resultante uma peça de teatro-digital, utilizando para isso recursos do audiovisual e aproximando-se da linguagem de um curta-metragem. O tema será a caça às bruxas que aconteceu no século XIX, no renascimento e de questões da misoginia com o recorte da materialidade do corpo da mulher que menstrua.

Essa é uma parte do projeto que escrevi e realizarei esse ano com algumas atrizes.

O capital nos subjugou, nos dominou, nos queimou, nos torturou e fez nossas filhas assistirem ao espetáculo de nossas mortes com o intuito de que o exemplo servisse a elas. E não havia nada que ninguém pudesse fazer se prezasse pela própria vida. Por termos útero fomos

destinadas ao controle de homens ou a morte na fogueira. O que fez que mais de quinhentos anos se passassem, guerras, tecnologias, a internet, o personal computer (pc), a abolição da escravidão, existissem e mesmo assim aquela forma de comportamento das mulheres prevalecesse. E são esses fatos que vivo e vejo outras mulheres viverem que movem meu fazer artístico no momento. E é o meu fazer artístico que me faz continuar viva e pulsante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEDERICI, Silvia; Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FABIÃO, Danielle Virgínia Grisi Pinheiro. O santo inquérito: misoginia, poder e intolerância religiosa na obra de Dias Gomes. 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- Halim ML, Lindner NC. Auto-socialização de gênero na primeira infância. Em: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Martin CL, ed. Tema. *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. <https://www.encyclopedia-crianca.com/genero-socializacao-inicial/segundo-especialistas/auto-socializacao-de-genero-na-primeira-infancia>. Publicado: Dezembro 2013 (Inglês). Consultado em 18 de março de 2022.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- BAXTER, Alison. How Pornography Harms Children: The Advocate's Role. https://www.americanbar.org/groups/public_interest/child_law/resources/child_law_practiceonline/child_law_practice/vol-33/may-2014/how-pornography-harms-children--the-advocate-s-role/. Publicado: 2014 (inglês). Consultado em março de 2022.
- BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. Gota d'água. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- GOMES, D. O Santo Inquérito. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.
- SOARES, Elza. A mulher do fim do mundo. Produção: Ernst von Bönninghausen (exec.); Guilherme Kastrup

